

A crítica da *fama* na epístola *Familiar 1.2* de Francesco Petrarca

Bianca Fanelli Morganti e Sérgio Xavier Gomes de Araújo
Universidade Federal de São Paulo

Resumo

O substantivo latino *Fama*, derivado do verbo *fari* (falar), assume uma ampla gama de sentidos positivos e negativos que vão de glória, renome, reputação à vanglória, infâmia, má-reputação. É longa e bem estabelecida a tradição poética e filosófica dedicada a abordar a *Fama* em seus diversos significados, estruturando-a de acordo com uma série de pares contrastantes destinados a representar a boa *Fama* e o seu contraponto, a má *Fama*. Como é notório, se, por um lado, *Fama* pode designar um relato, a memória de fatos, por outro pode referir uma ficção ou um conjunto de opiniões mais ou menos destacadas da realidade. Francesco Petrarca, tão obcecado por este tema quanto foi pela reatualização do arsenal cultural antigo, dedica diversas de suas obras à reflexão a respeito dessa *Fama* que, desde Hesíodo, fala com língua bipartida e produz tanto narrativas úteis quanto murmúrios desprezíveis. O artigo aqui proposto visa a analisar o tratamento petrarquesco da questão na segunda epístola do primeiro livro da sua coletânea de cartas *Familiare*, destinada a Tomás de Messina e comumente datada entre os anos de 1350 e 1351. Como apêndice deste artigo, apresentamos a primeira tradução do latim para o português da mencionada epístola.

Palavras-chave

Petrarca, *Familiare*, crítica da *Fama*, tradução

Bianca Fanelli Morganti é docente de Língua e Literatura Latinas do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com período de estágio de doutorado junto a Università degli Studi di Firenze/Itália, pesquisa a recepção dos clássicos, particularmente a reapropriação retórica das obras de Cícero e Sêneca na produção literária ocidental e, mais especificamente, na prosa latina do *quattrocento* italiano, e dedica-se à tradução da prosa latina e neolatina para o português. É autora de artigos e capítulos de livros sobre esses temas, e de traduções da produção latina de Francesco Petrarca. Entre seus mais recentes artigos, estão “Petrarca e a imitação de Cícero” (*Revista Limiar*, 2014) e “Sobre a *Familiar 1.7* de Francesco Petrarca e a polêmica contra os velhos dialéticos” (*Revista Topoi*, 2015), escrito em parceria com Sergio Xavier Gomes de Araujo.

Sergio Xavier Gomes de Araújo é docente do departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) tendo como especialidade a Filosofia do Renascimento. Graduiu-se em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2001, defendeu sua tese de Doutorado em 2008 no Departamento de História Social da Cultura da PUC - Rio, versando sobre as relações entre o tema clássico da Glória e a construção discursiva do autorretrato nos *Essais* de Michel de Montaigne. Atualmente, suas pesquisas concentram-se nas apropriações dos procedimentos da retórica clássica nos *Essais* de Montaigne, explorando as maneiras como o texto dialoga com textos canônicos da Antiguidade e do Renascimento. Seus artigos mais recentes são “Glória e vanitās nos *Ensaio*s de Montaigne” (*Cosmos e Contexto*, 2016), “La 'Diversion' dans les *Essais* de Montaigne: sagesse et persuasion oblique”. (*Bulletin de la Société des Amis de Montaigne*, 2016) e “Sobre a *Familiar 1.7* de Francesco Petrarca e a polêmica contra os velhos dialéticos” (*Revista Topoi*, 2015), escrito em parceria com Bianca Fanelli Morganti.

The critique of *fama* in Petrarch's *Familiar* letter 1.2

Bianca Fanelli Morganti and Sergio Xavier Gomes de Araujo
Federal University of São Paulo

Abstract

Derived from the Latin verb *fari* (to speak), the word *fama* assumes a myriad of positive and negative meanings ranging from glory, renown and reputation to boasting, hearsay, infamy and bad reputation. There is a long and well established poetic and philosophical tradition dedicated to the study of the multiples senses of *fama*, and it has been structured according to a series of contrasting pairs designed to represent the good *fama* and its opposite, the bad *fama*. As widely known, if on the one hand *fama* may indicate an account, a memory of facts, on the other hand it may refer to a fiction or a set of opinions more or less detached from reality. Francesco Petrarca was so obsessed by this theme as he was by the updating of the Ancient cultural inheritance. He devoted several of his works to reflect on that *Fama* which since Hesiod speaks with a bipartite tongue and produces both useful narratives and despicable murmurs. The paper here proposed aims to analyze the Petrarchan treatment of this topic in his second epistle of the first book of his letters' collection entitled *Rerum Familiarum Libri*. This letter has been commonly dated between 1350 and 1351, and it was addressed by the poet to his friend Tommaso Caloiro or Tommaso da Messina. Attached to this paper we also present the first translation from Latin into Portuguese of the mentioned epistle.

Keywords

Petrarch, *Familiares*, critique of fame, translation

Bianca Fanelli Morganti is Associate Professor of Latin Language and Literature at the Department of Letters of the Federal University of São Paulo (UNIFESP). She has PhD in Theory and Literary History at the State University of Campinas (UNICAMP), with a period of doctoral research at the Università degli Studi di Firenze (Florence/Italy). She focuses her research on Classical Receptions, especially on the rhetorical appropriations of Cicero's and Seneca's works in Western Literature, and more specifically in the Latin prose of the Italian *Quattrocento*. She is also engaged in translating Petrarch's Latin works. She has published papers and book chapters about these themes, the most recent ones being "Petrarca e a imitação de Cícero" (*Revista Limiar*, 2014), and "Sobre a *Familiar* 1.7 de Francesco Petrarca e a polêmica contra os velhos dialéticos" (*Revista Topoi*, 2015), which was written in collaboration with Sergio Xavier Gomes de Araujo.

Sergio Xavier Gomes de Araujo is a professor at the Department of Philosophy of the Federal University of Sao Paulo (UNIFESP) with a specialization in Philosophy of the Renaissance. He graduated in History from Universidade Federal Fluminense (UFF) in 2001, defended his PhD thesis in 2008 in the Department of Social History of Culture of PUC - Rio, dealing with the relations between the classic theme of Glory and the discursive construction of the self-portrait in the *Essais* of Michel de Montaigne. Nowadays his research focuses on the appropriations of the procedures of classic rhetoric in Montaigne's *Essais*, by exploring the ways in which the text converses with canonical texts of the Antiquity and the Renaissance. His most recent papers are "Glória e vanitês nos *Ensaïos* de Montaigne" (*Cosmos e Contexto*, 2016), "La 'Diversion' dans les *Essais* de Montaigne: sagesse et persuasion oblique. (*Bulletin de la Societê des Amis de Montaigne*, 2016) and "Sobre a *Familiar* 1.7 de Francesco Petrarca e a polêmica contra os velhos dialéticos" (*Revista Topoi*, 2015), which was written in collaboration with Bianca Fanelli Morganti.



segunda epístola do primeiro livro das *Familiars* de Petrarca (*Rerum Familiarium Libri*) integra um pequeno subgrupo de 9 cartas, todas destinadas à mesma pessoa, Tommaso Caloiro ou Tommaso de Messina, que, contemporâneo do poeta, dividiu com Petrarca os tempos de estudante de Jurisprudência na Universidade de Bolonha¹. Além do destinatário comum, essas nove cartas estão costuradas, de maneira mais ou menos manifesta, por um dos temas mais centrais em toda obra petrarquesca: a polêmica com os chamados “dialéticos”, a sua recusa do modelo de sabedoria por eles proposto e a consequente defesa da eloquência e da poesia dos antigos como base formativa do homem cristão. Esta outra noção de sabedoria, fundada na excelência dos autores antigos, contudo, já desponta de modo significativo na epístola 1.1, no próêmio de sua obra, quando aparece incorporada ao *ethos* que Petrarca elabora para si na condição do escritor que reúne, seleciona e ordena suas cartas. O poeta reflete então sobre seu próprio estilo, sobre as relações que estabelece com os grandes modelos do gênero, apresentando as motivações profundas de sua prosa epistolar. Neste sentido, pode-se dizer que a epístola 1.2 dá continuidade à carta introdutória ao levantar a importante questão frequentemente vinculada à atividade letrada, a saber, aquela acerca da glória que convém ao poeta buscar e a que deve, por outro lado, recusar².

A datação das epístolas petrarquescas é objeto de constante debate e revisão; como se sabe, Petrarca atribui datas fictícias às suas epístolas, motivado antes pelos princípios da verossimilhança que regem cada uma das cartas do que por qualquer fidelidade histórica ou biográfica. A maior parte dos estudiosos aceita como data mais provável de composição da *Familiar* 1.2, de que nos ocuparemos aqui, os anos de 1350 e 1351, cerca de uma década, portanto, após a famosa coroação poética de Petrarca³. Na sua construção ficcional, no entanto, o autor declara tê-la escrito em Bolonha em um 18 de abril, pouco antes de deixar definitivamente a universidade de Jurisprudência, ou seja, por volta do ano de 1326. A escolha do destinatário e do ambiente bolonhês para

¹ São destinadas a Tommaso Caloiro (1302-1341), além desta epístola (1.2), as *Fam.* 7-12, também deste livro 1, e as *Fam.* 1 e 2 do livro 3. Para a data da morte de Tommaso, cf. *Fam.*, IV 10 e 11. Sabe-se que Tommaso Caloiro foi autor de poesias em vulgar e é referido no *Triumphus Cupidinis* (4.58-64) de Petrarca. Sobre Tommaso, cf. Lo Parco (1933), pp. 25-182.

² Sobre isso ver Tateo (2002), p. 251.

³ Tanto Rossi (1932, pp. 65 ss) quanto Billanovitch (1947, pp. 48 ss) consideram que todas as primeiras cartas das *Familiars* teriam sido escritas entre 1350 e 1351. Também Wilkins (1951, pp. 311-317) aceitou essa posição, mas apenas para as cartas 2-3 e 7-12 do primeiro livro. Billanovich (1947, p. 20, n. 1 e p. 53) defende ainda que a *Fam.* 1.2 teria sido composta em 1350, ao mesmo tempo que a epístola precedente.

essa reflexão não é, certamente, casual. A fama ou a reputação de um indivíduo era um elemento central na jurisprudência medieval, e o termo *fama* é repetidamente empregado nos processos dos tribunais de cânone latino de que se tem registro durante o período medieval⁴.

A despeito de ambientar a redação da epístola nos seus anos de juventude, e tomar como interlocutor um coetâneo, a *persona* assumida ali por Petrarca, em não raros momentos, parece se exprimir já com aquela voz de conselheiro, de guia ou médico de almas que o poeta se empenhou em construir para si ao longo de toda sua obra. De fato, sua voz na *Familiar* 1.2 corresponde frequentemente àquela do autorretrato traçado na mencionada epístola 1.1, do escritor já maduro, tornado mais seguro pela experiência de uma vida inteira assolada por adversidades⁵. Uma das metáforas de ascendência estoíca que Petrarca encontra em Sêneca, a saber, a da vida do homem no mundo como uma tempestade sem trégua, um combate longo e difícil contra os golpes da fortuna⁶, atravessa do início ao fim o texto de 1.1, fornecendo o pano de fundo contra o qual se destaca a imagem também de filiação senequiana que Petrarca forja para si. Diante da inconstância e fugacidade das coisas do mundo, da brevidade da vida e da impossibilidade de encontrar um lugar de repouso, a *persona* do poeta surge quase como um exemplo de firmeza, um homem que, como sublinha, ninguém jamais vira lamentar-se ao sofrer o exílio e a perda de seu patrimônio, nem lamuriar-se mesmo ao ver a sua própria glória arruinada⁷. A sabedoria adquirida pela experiência, como nos diz enfim, ele a põe a serviço da ‘afeição dos amigos’ – *amicorum caritas* – que

⁴ A este respeito, ver Fenster & Smail (2003). Neste estudo inteiramente dedicado à *Fama* e às políticas de fala e reputação na Europa medieval, dizem os autores: “The word *fama*, which we have borrowed largely from its repeated use in the recorded proceedings of medieval Roman-canon law courts, figured as an element in medieval jurisprudence, as shown by one question that judges and notaries routinely asked witnesses. Just to be sure that witnesses understood the concept of *fama*, they are asked: *Quid est fama?* (What is *fama*?). “It’s the thing people say”, one witness will say. “It’s the public voice and fame”, another will observe, perhaps adding, “It’s what people say that is good about someone, and never have I heard the contrary”; or, “*Fama* is that which is commonly said among people about any business or fact, and also when good or ill is commonly said among people about any person”. The judge’s inquiry continues: “Where is the public voice and *fama*?” “It’s in the street Bertran lives on”, a witness replies, “among his neighbors”. And judges wanted to know who made the *fama*: “Does it proceed from his enemies or ill-wishers?” “I didn’t know he had enemies”, says the circumspect witness. “How many people make the *fama*?” the interrogating notary might ask. “Oh, five or six people”, comes the answer, revealing that *fama* can be made by some people, then remembered by others. “Three, four, even more than four make the *fama*”, another specifies, and then, reflecting perhaps that this is not very many, he adds, “as befits the size of the population of the place where the *fama* is”. (ibidem, p. 2).

⁵ Cf. *Fam.* 1. 1. 44, na qual Petrarca, citando expressamente Sêneca, diz: *factus sum ex ipsa desperatione securior*. (“Tornei-me mais seguro a partir da própria desesperança.”).

⁶ Trata-se de um lugar comum já recorrente em Sêneca (cf., por exemplo, *Consolatio ad Polybium* 9), e frequente na tradição cristã, que remonta às Escrituras (cf. Job, 7:1), mas também a Santo Agostinho (*Conf.*, 7.11.18). Sobre isso ver *Fam.* 1.1.1-2; 26; 44.

⁷ Cf. *Fam.* 1. 41: *gloria imminuta* (“a glória reduzida”).

constitui o mote fundamental de sua escrita. A esta somente o fim da vida poderá deter, em sua tarefa de aconselhar de modo cada vez mais vigoroso⁸.

A *Fam.* 1.2 é então estruturada como uma espécie de *consolatio*⁹. A partir do lamento particular de Tommaso, decepcionado com o fato de ainda não ter obtido a glória que acreditava merecer, Petrarca toma a ocasião para dar ao tema um tratamento universalizante, tal como se convencionou fazer tanto a partir dos modelos consolatórios da filosofia greco-romana quanto a partir dos exemplares cristãos adotados pelo poeta¹⁰. Petrarca inicia o seu discurso consolatório a Tommaso garantindo-lhe não haver qualquer motivo para a sua aflição. Segundo Petrarca, não conhecer a glória, o renome em vida é algo absolutamente comum; os exemplos da história serviriam a nos ensinar que é precisamente isso o que costuma acontecer à maioria dos homens. E a causa da impossibilidade de obtenção da glória em vida seria o fato de que os verdadeiros louvores (*laudes*) só podem ter início com a morte. De acordo com a tese defendida por Petrarca aqui, quando a vida se extingue, morre com ela também a *invidia*, a grande responsável por impedir a glória dos homens em vida.

⁸ Cf. *Fam.* 1. 1. 44-45: *...scribendi enim michi vivendique unus, ut auguror, finis erit. Sed cum cetera suos fines aut habeant aut sperent, huius operis, quod sparsim sub primum adolescentie tempus inceptum iam etate provecior recolligo et in libri formam redigo, nullum finem amicorum caritas spondet, quibus assidue respondere compellor, neque me unquam hoc tributo multiplex occupationum excusatio liberat. Tum demum et michi immunitatem huius muneris quesitam et huic operi positum finem scito, cum me defunctum et cunctis vite laboribus absolutum noveris.* (“...conforme prevejo, para mim haverá um único fim, com efeito, o de viver e escrever. Mas enquanto as outras obras têm ou esperam ter seus fins, a esta, iniciada, de modo esparso, na minha primeira juventude, e que agora, em idade já mais avançada reúno e coloco em forma de livro, não garante qualquer fim a minha afeição pelos amigos aos quais sou assiduamente impelido a responder; tampouco a mim liberta desta tarefa a complexa desculpa das minhas outras ocupações. Saiba, então, que por mim a dispensa dessa tarefa somente haverá de ser requerida e o fim desta obra posto quando você tomar conhecimento da minha morte e absolvição de todos os labores desta vida.”).

⁹ Para a identificação da epístola 1.2 de Petrarca com o gênero consolatório, cf. Tateo (2003, pp. 249-259). Sobre o gênero da *consolatio*, ver Wilhelm (2006).

¹⁰ Manfred Kern (2006) ressalta a importância da *Consolatio Philosophiae* de Boécio para o desenvolvimento do gênero consolatório durante a chamada Idade Média. Manifestamente devedora de toda a tradição filosófica da tarda antiguidade, particularmente do neo-platonismo, a *Consolatio* de Boécio também se prestava, sem muita dificuldade, a ser lida em chave cristã. Seguindo os passos de Boécio, uma numerosa série de cartas consolatórias foi escrita a partir do século XI. Desde o início do período chamado medieval, há uma larga produção de textos consolatórios em latim (cartas e poemas) que tomavam modelos antigos (Cícero, Sêneca e Estácio) e patrísticos (Ambrósio, Jerônimo, Agostinho). Dos últimos anos do século XIII em diante, é produzida uma série de textos que extrapolam os limites mais rígidos da *consolatio* e anunciam as múltiplas possibilidades de desenvolvimento do tema consolatório. Assim, observa Kern, o núcleo temático da *Vita Nuova* (1290) de Dante é composto por um misto de *consolatio amoris* com a filosófica *consolatio mortis*. Na sua *Commedia*, uma *consolatio* por causa de Beatriz se converte numa *consolatio* feita por Beatriz. (1307-1321). Petrarca fez do *De Remediis utriusque fortune* (1366), composto por 122 diálogos entre *Ratio* e *Gaudium*, e 132 entre *Ratio* e *Dolor*, uma obra consolatória em estrito senso. O tratamento do tema consolatório no seu *Canzoniere* exerceu grande influxo sobre a tópica cortês da *consolatio amoris* presente na lírica amorosa do século XVII.

Como mostrou Philippe Hardie (2014), as instabilidades e as tensões implicadas na própria concepção de *fama* fizeram, tradicionalmente, com que suas representações se estruturassem a partir de combinações variáveis de pares contrastantes¹¹. Dentre as combinações possíveis, a parilha *Fama* e *Invidia*, instrumentalizada nessa carta por Petrarca, vem de um longo e cristalizado costume poético. A *fama*, costuma-se dizer, “*fala com língua bipartida*”, e desde Hesíodo pressupõe uma implícita dualidade: a fama de alguém pode ser constituída a partir de relatos bons ou maus, que podem lhe ser úteis ou prejudiciais; em outras palavras, a *fama* pode ser uma *boa fama* ou a *infâmia*. Como é notório, tanto a etimologia (derivada do verbo φημί/fari: falar) quanto o largo alcance semântico da palavra *fama* a associam tanto a noções mais estáveis e perenes (como as implicadas em palavras como *história* e *tradição*), quanto a noções transitórias e efêmeras (como as expressas por palavras como *rumor*, *boato*, *fofoca*, e mesmo por termos, aparentemente mais confiáveis mas igualmente volúveis, como *relato* e *notícia*)¹². Se essa natureza contraditória da fama, e sua consequente representação através da articulação de pares contrapostos – como vemos em *Fama* e *Invidia* – gozam de antiquíssimo tratamento na produção poética greco-romana, o mesmo pode ser dito da tese defendida por Petrarca de que a morte é condição necessária para a obtenção de uma fama perene, verdadeira. Recorrente já na produção filosófica antiga, essa tópica

¹¹ Entre as duplicidades da fama, são apontados os seguintes pares: *fama* x *culpa*; *fama* x *vergonha*; *fixidez* x *fluxo* (*ordem* x *caos*; *atlântico* x *proteu*; *imutável* x *mutável*); *destino* x *fama* (*céu* x *inferno*); *discurso masculino* x *discurso feminino*; *discurso de um* x *discurso de muitos*; *indivíduo* (*ou poucos*) x *coletivo*; *eu* x *outros* (*elite* x *massas*); *fama como fama* x *fama como boato* (*conhecimento oficial* x *conhecimento não oficial*); *autoridade* x *incerteza e falta de confiabilidade*; *fato* x *ficção*; *feitos* x *fama*; *participação direta* x *participação indireta* ou *ver* x *ouvir*; *vida* x *morte*; *presença* x *ausência*; *plenitude* x *vazio*; *ativo* x *passivo*. cf. Hardie (2014, pp. 3-11). Muito elucidativo sobre essa organização, é a própria descrição ovidiana do palácio da *Fama* no livro 12 das *Metamorphoses*.

¹² Cf. Hesíodo, *O trabalho e os dias*; Hardie (2014, p. 3 ss.): “The contrast between rumour and tradition, or between rumour and fame, may be formulated as a contrast between process and product: rumour and gossip tend to be thought of as words in circulation, a series of exchanges, whereas tradition implies a fixed corpus of words, whether written or spoken, and the literary monument is one of the safest ways to secure lasting fame (or so writers assure their *laudandi*).” Ainda sobre o amplo, contraditório e impreciso campo semântico do termo *fama*, ver Fenster & Smail (2003, pp. 1-2): “*Fama* with its cognates and derivatives therefore acquired an imprecisely wide semantic range. It is “rumour” and “idle talk”, “the things people say”. It is “reputation” and “memories”, “the things people know”. It is “fame”, or perhaps “glory”, as well as their opposites, “infamy” and “defamation”. Across its semantic range *fama* intersected with a number of other terms, such as honor, shame, status, and witnessing, and it glossed the essential nexus of performance, talk, reputation and speech regulation that is the subject of this volume. It retained and incorporated meanings that had been active in Latin-speaking cultures: to paraphrase Hans-Joachim Neubauer, it meant public opinion, idle talk, rumor, and reputation as well as fame; both a good name and a bad one were called *fama*; and while *fama* denoted information or news, at the same time it meant the image formed of a person by that information.”

contribui para fundamentar também as críticas da fama de tronco cristão, às quais Petrarca busca aqui se alinhar¹³.

Ao consolar Tommaso da aflição causada pelo desejo insaciável que sente por esse falso louvor que se dá em vida, e tentando dissuadi-lo dessa busca infrutífera, Petrarca mobiliza novamente uma solução que encontra nos escritos filosóficos antigos. Sabe-se que ao menos desde os primeiros estóicos, responde-se ao problema do desejo insaciável por fama com uma distinção formal entre variedades boas e más de fama; e com frequência, na base dessa distinção está a diferenciação entre um *kleos* justificado e uma *doxa* vazia, ou, no rearranjo petrarquesco, entre o parecer de juízes verdadeiramente justos, pois isentos de *invidia*, e a falação insubstancial do vulgo ignaro¹⁴. Vistas como um grande repositório de filosofias antigas e, particularmente, como um arsenal importante para as críticas à fama promovidas por essas filosofias, foram as *Tusculanas* de Cícero que forneceram a Petrarca a nuclear contraposição entre *gloria solida* e *fama popularis* ou entre *ficta* e *uera gloria*¹⁵.

A distinção ciceroniana, de ascendência platônica, se dá entre uma fama substancial (*solida*), fruto do louvor feito por homens bons (*consentiens laus bonorum*), que são juízes de virtude notória, e a sua imitação inferior, fruto do vozerio indistinto das massas¹⁶. Teimosa, imprudente e sem materialidade, a fama popular é, por sua vez, descrita como um espectro sombrio da verdadeira glória. Como se vê, o critério de distinção empregado por Cícero diz respeito à natureza da fonte emissora da fama: de um lado, a multidão indigna, e de outro, os *boni*, um grupo restrito, composto por homens virtuosos, que são os únicos capazes de um julgamento justo¹⁷. A verdadeira

¹³ Cf. Hardie (2014, p. 22-36): “The critique of *fama*, and the relationship of this critique to movement of spiritual interiorization, are most familiar from the Christian tradition, but in this Christianity treads in the path of ancient philosophy.” (p. 22).

¹⁴ “Zeno distinguished between just(ified) *kleos* and empty *doxa*; his pupil Ariston of Chios wrote ὑπομνήματα ὑπὲρ κενοδοξίας ‘Notes on kenodoxia’, an early document in the long tradition of attacks on *uana gloria* ‘vain glory’. Cicero, who has already put in more than one appearance in this chapter is an important source for, and conduit to later centuries of, ancient philosophical critiques of fame.” (ibidem, p. 22-23).

¹⁵ Para o referido passo das *Tusculanas*, ver *Tusc.* 3.3-4. Sobre a concepção ciceroniana de glória, cf. Sullivan (1941) e Drexler (1962, pp. 9-10); para a problematização da glória, ver Tipping (2010, pp. 26-32).

¹⁶ Sobre a matriz platônica da referida passagem das *Tusculanas* de Cícero, ver Gildenhard (2007, pp. 177-185).

¹⁷ Esses verdadeiros juízes julgam a virtude dos homens que aspiram à glória, e é a virtude, como se lê também no *De officiis*, a única capaz de assegurar uma glória fundada na verdadeira *honestas*, e não uma fama vazia, que não passaria de um simulacro da outra. Cf. Cícero, *De Officiis* 2.43. Para a distinção ciceroniana entre verdadeira e falsa glória no contexto de refutação da crítica epicurista da fama, ver *Pis.* 57: *nam ut levitatis est inanem aucupari rumorem et omnis umbras etiam falsae gloriae consectari, sic est animi lucem splendoremque fugientis iustam gloriam, qui est fructus uerae uirtutis honestissimus, repudiare.* (“Pois, assim como é sinal de frivolidade observar um rumor inconsistente e perseguir todas as

glória é, nessa perspectiva, consequência da virtude, o que é expresso pela formulação *gloria umbra uirtutis* (a glória é a sombra da virtude), um verdadeiro cliché que Petrarca não deixou escapar, tendo desenvolvido a tópica em um símile: *virtutem fama, uel solidum corpus umbra, consequitur* (“a fama segue a virtude, como a sombra a um corpo sólido”). A reelaboração petrarquista, ao mesmo tempo em que ecoa o adjetivo *solidus*, empregado por Cícero para qualificar a verdadeira glória, o faz modificar *corpus*, que na formulação de Petrarca, é, como se vê, o análogo da *virtude*. Por meio dessa formulação engenhosa, Petrarca sintetiza a equação ciceroniana e reforça a materialidade dessa glória fundada na solidez da virtude¹⁸. Ao fazê-lo, também lança mão de uma conhecida formulação senequiana acerca da inconstância do vulgo, e costurando ambas as autoridades, conclui defendendo que a solidez da verdadeira glória não pode se confundir com a volatilidade de uma fama apoiada nos *incertos fundamentos* de um vulgo inconstante¹⁹.

De acordo com o que se lê nas *Tusculanas*, essa instável *fama popularis* corromperia o belíssimo aspecto da glória oriunda da virtude. Muitos teriam sido os excelentes homens que, aspirando à verdadeira glória mas desconhecendo a sua natureza, acabaram por se perder; como diz Cícero, são exemplos de homens que falharam ao tomarem, por ignorância, a via errada²⁰. Esse contraste entre uma glória vã,

sombras de uma falsa glória, do mesmo modo é próprio daquele que foge da luz e esplendor da alma repudiar a justa glória, que é o fruto mais honesto da verdadeira virtude.”), cf. Hardie (2014, p. 25) e Griffin (2001).

¹⁸ Cícero desenvolve também no *De Officiis* esta conexão estreita entre glória e virtude associando a moralidade estrita do estoicismo, de raiz platônica, para a qual a virtude em si mesma é o bem por excelência, à visão romana que concebe algo de nobre na ambição de glória. Deste modo, segundo Cícero, a ambição da *vera gloria*, que é consequência direta e necessária do amor da virtude, é a marca distintiva dos talentos mais brilhantes; das almas mais elevadas e grandiosas. (cf. *De Officiis*, 1. 26; 65). Na conclusão da epístola 1.2, Petrarca também termina por reconhecer na *gloriae cupiditas* a expressão do ‘ânimo generoso’ que atribui ao seu interlocutor. Em seu estudo sobre o tema, Carlo Varotti (1998) detém-se neste texto de Petrarca atentando para o tratamento mais sereno e positivo que ele dá aqui à questão, diferenciando-se da maneira mais tensionada com que a aborda no *Secretum*, no qual o problema da glória aparece mais marcadamente em conflito com os valores cristãos. Como nota Varotti, na *Fam* .1.2, a incapacidade de extirpar da alma este tipo de paixão não apenas é admitida como natural mas é também louvada como marca de *generosos animos* (1.2.29).

¹⁹ Cf. Petrarca, *Fam.*, 1.2.24-25: “Na verdade, não há nada mais instável, nada mais nocivo do que o juízo do povo, sobre o qual esta fama está alicerçada. E assim, não é de se admirar que algo apoiado em fundamentos tão incertos seja frequentemente abalado. Esse tipo de fama, de fato, não exerce domínio se não sobre os vivos; a morte subtrai o homem do poder da fortuna; cessam então essas ilusões, e - quer ela queira quer não - a fama segue a virtude, como a sombra a um corpo sólido.” Para a imagem do vulgo como os instáveis fundamentos nos quais a falsa glória está alicerçada, ver Seneca, *Ad Lucilium*, 99.17.

²⁰ Para as implicações políticas da distinção ciceroniana entre a fama vã conferida pelo povo (*populus*), e a sólida glória assegurada pelos *boni*, cf. Cícero, *Sest.* 139, no qual a *bona fama honorum, quae sola uere gloria nominari potest* é identificada com o verdadeiro esforço em favor da *res publica*, com o comprometimento de impedir que o povo seja incitado a revoltas e levantes (*populi animos ad seditionem*), com o compromisso de não agir como um político *popularis*. Como observa Hardie (2014, p.

que é conferida pelo vulgo, e o verdadeiro louvor, fruto do discernimento de uns poucos virtuosos é o motor da argumentação petrarquesca. Diferentemente do que ocorre em outras obras suas, Petrarca não cita expressamente as *Tusculanas* na epístola de que nos ocupamos aqui, mas o tratamento da tópica atua no sentido de denunciar, a todo momento, o diálogo entre os textos. Buscando aplacar a aflição de Tommaso, Petrarca passa a elencar toda uma lista de grandes homens do passado – da qual constam Platão, Homero, Tito Lívio e Cícero –; um pequeno catálogo de homens que como Tommaso, a despeito de seu merecimento, não desfrutaram em vida da verdadeira glória por suas virtudes. A todos eles, dirá Petrarca, faltou o juiz justo que, por exemplo, Virgílio, acusado por alguns de “usurpador e tradutor das invenções alheias”, teria encontrado em Augusto²¹. Petrarca, ao transpor para a sua argumentação a referida distinção ciceroniana entre *solida gloria* e *fama popularis*, incorpora também o critério dessa distinção operado por Cícero, bem como a imagem dos juízes, os raros virtuosos capazes de, com um julgamento justo, assegurar a verdadeira glória a alguém. Mas, se, em Cícero, a distinção entre *gloria solida* e *fama popularis* se assenta firmemente na estrutura do sistema de classes da república romana, em Petrarca há um deslocamento temporal, e os verdadeiros juízes, *os boni*, serão identificados aos pósteros, àqueles que emitirão um juízo a nosso respeito após a nossa morte, a partir de nossas obras.

Se, em Cícero, o valor da *boa fama* é, no mais das vezes, qualificado pela sua adesão a valores de uma vida virtuosa conduzida *pro re publica*, podemos dizer que em Petrarca, a verdadeira glória está vinculada à prática de uma vida virtuosa conduzida *pro Deo*. Nesse sentido, para Petrarca, apenas a via da progressão moral nos termos da ética cristã, apenas o árduo percurso que conduz o homem cristão à aquisição das virtudes é capaz de levá-lo a desfrutar da verdadeira glória, que se efetua apenas quando o homem ascende da sua condição mortal à perenidade da vida eterna. Nada do que é eterno pode ser amplamente desfrutado pelo homem em sua vida finita, e tudo aquilo que se oferece ao homem em vida, diz com frequência Petrarca em tom abertamente agostiniano, é apenas instrumento àquele fim, e jamais o fim último; são coisas a serem usadas e não fruídas²². Nas *Tusculanas*, Cícero menciona o exemplo de excelentes homens que, perseguindo a verdadeira glória, tomaram a via errada e acabaram por se

26, n. 85), nesse contexto, é o *populus* como categoria política e não como veículo de louvor, o critério de distinção entre *mala fama* de *boa fama*.

²¹ Para o juízo negativo sobre Virgílio, cf. Donato, *Vita Vergilii*, 43-46: *Obtrectatores Vergilio numquam defuerunt, nec mirum, nam nec Homero quidem.* (“Os detratores jamais faltaram a Virgílio, e não é de se admirar, pois, não faltaram nem mesmo a Homero.”); ver também Macróbio, *Saturnales* 6.1.2.

²² Sobre a distinção agostiniana entre *utor* e *fruor*, ver *De doctrina christiana* 1.3 ss.

perder em sua busca. Petrarca amplia a lista referida por Cícero, e introduz entre aqueles exemplos antigos alguns de seus contemporâneos, a saber, os adeptos das novas tendências nos estudos da lógica e que, naquele momento, desfrutavam de uma posição de destaque tanto nas universidades de Oxford e Paris quanto em Bolonha, de onde Petrarca alega redigir essa carta. Buscando a verdade e a glória eterna, esses homens se perderam em alterações, desviaram-se da reta via, e depositam todo o seu esforço na obtenção dos aplausos do vulgo ignorante. Julgando-se os homens mais sábios, os “escolásticos” – como Petrarca os refere nessa carta –, depositam todas as suas forças na aquisição dessa glória vã, sem compreenderem que para a obtenção da verdadeira glória, não é a fama que se deve buscar, mas sim a virtude, da qual a fama perene é, como vimos, consequência²³. A fama que estes homens, considerados sábios pelo vulgo, granjeiam aos berros para si, está fadada a morrer com eles, assegura Petrarca; a verdadeira glória começa com a verdadeira vida, aquela que tem início após a morte.²⁴

Mesmo sem mencionar as *Tusculanas*, a abundância e a riqueza das referências, naturalmente, fustiga o seu leitor a tentar estabelecer os nexos entre os dois textos, e os sentidos por eles produzidos. Mas para a melhor compreensão de todo o intrincado aparato argumentativo petrarquesco, é fulcral observar que é também a partir de uma leitura interessada de Seneca que Petrarca desenvolve esse argumento segundo o qual a verdadeira fama só acomete o homem após a sua morte²⁵. Defendendo que o renome que recai sobre muitos homens após a sua morte é um bem, Sêneca, na epístola 102 a Lucílio, opõe a *claritas*, que pode se fundar no julgamento de um único homem bom, à *fama* e à *gloria*, para as quais fazem-se necessárias as opiniões de muitos homens. Petrarca parece não se interessar muito pela distinção nos termos propostos por Sêneca nessa epístola; na carta a Tommaso de que nos ocupamos aqui, a palavra *claritas* não aparece uma única vez, e os substantivos *laus*, *fama*, *gloria* e seus derivados são usados indistintamente para referir tanto a verdadeira quanto a falsa glória, apenas o contexto e adjetivação empregada nos permitem vislumbrar a qual das *glórias* Petrarca está se referindo em cada momento específico. Descolando inteiramente a tese de Sêneca sobre a fama após a morte do seu contexto argumentativo originário, Petrarca a insere na sua argumentação, costurada à distinção ciceroniana entre a *solida gloria* e o terreno movediço e transitório da *fama popularis*.

²³ Cf. *Fam.*, 1.2.5

²⁴ Cf. *Fam.*, 1.2.15-20

²⁵ Cf. Seneca, *Ad Lucil.*, 102. Para a definição senequeana de fama e glória, cf. Hardie (2014, pp. 32-34 e p. 314); Habinek (2000); Roller (2001, cap.2).

Esse tipo de articulação, recorrente na prática petrarquista, permite a conexão entre as críticas à fama que Petrarca encontrou nos modelos filosóficos “pagãos” àquelas de linhagem cristã, como as de Agostinho e Boécio que, como é notório, também beberam dessa mesma fonte da filosofia moral latina²⁶. Embora não empregue a palavra *conscientia* nesta epístola, Petrarca faz referência tácita ao antigo tema da “moral da consciência” quando diz a Tommaso, ecoando uma das epístolas de Cícero a Ático²⁷, que é preciso suportar com tranquilidade as opiniões dos contemporâneos, sejam essas justas ou injustas, pois são os pósteros os únicos juízes a quem devemos recorrer. Após a nossa morte, assegura Petrarca ao amigo, os homens, libertos de qualquer rancor, inveja ou despeito, serão então capazes de ponderar sobre os nossos feitos e julgá-los com justiça. Por isso, ele aconselha Tommaso a se preocupar, enquanto estiver vivo, não com os aplausos do vulgo, mas com a prática efetiva da virtude. Referida por Cícero e discutida por Sêneca no *De ira*²⁸, essa ideia de que a nossa consciência, e não os rumores que correm, é que deve ser o nosso censor, tem a sua primeira formulação cristã transmitida pela segunda epístola de Paulo aos Coríntios²⁹, e goza de uma longuíssima fortuna em toda a produção cristã posterior³⁰. Também para Petrarca, a crença na superioridade da sua consciência sobre os rumores externos é a chave para que o homem cristão não se desvie do caminho da virtude, o único capaz de conduzi-lo à glória eterna. Assim, à disrupção ciceroniana entre os dois tipos de glória e ao condicionamento da verdadeira glória ao fim da vida na terra, Petrarca conecta o princípio agostiniano segundo o qual a única e verdadeira glória do homem cristão é desfrutar da presença de Deus³¹, mas sem deixar, contudo, de advertir a Tommaso e, através dele, a todos os leitores que, para usufruir deste que deve ser o fim último de todo homem, é condição *sine qua non* cultivar, em vida, a virtude. Fiquemos então com as palavras com as quais o próprio Petrarca encerra a missiva a Tommaso:

²⁶ Cf. Hardie (2014, p. 33); Boitani (1984, pp. 45-8); Koonce (1966, pp. 23-32); Lida de Malkiel (1968, pp. 89-107); Lendon (2001, pp. 92-5).

²⁷ Cf. Cícero, *Att.* 12.28.2: *mea mihi conscientia pluris est quam omnium sermo*. (“A minha consciência é para mim de mais valor do que qualquer discurso.”)

²⁸ Cf. Sêneca, *De ira* 3.41.1: *conscientiae satis fiat, nil in famam laboremus; sequatur uel mala, dum bene merentis*. (“Que haja consciência o bastante, não nos esforcemos em nada pela fama; ainda que ela siga má, mesmo para os que a merecem boa.”)

²⁹ Cf. Paulo 2 Cor. 1:12 *gloria nostra est haec testimonium conscientiae nostrae*. (“É esta nossa glória o testemunho da nossa consciência”).

³⁰ Para outros exemplos da articulação entre *fama* e *conscientia* tanto em Tácito, Plínio, Cícero e Ovídio, quanto em Jerônimo (*Ep.* 123.15: *nec paratum habeas illud e triuio: sufficit mihi conscientia mea; non curo, quid de me loquantur homines;*), ver Hardie (2014, p. 33, n. 104).

³¹ Cf. Agostinho, *Conf.* 10. 36-59: *gloria nostra tu esto*. (“Que a nossa glória seja tu”).

Assim sendo, reflita consigo mesmo: o que é isso pelo que tanto nos atormentamos? Essa fama que buscamos é vento, é fumaça, é sombra, nada. Portanto, ela pode ser facilmente menosprezada por um juízo reto e agudo; mas se, por acaso, você não puder extirpar completamente esse apetite, - visto que essa praga costuma perseguir com mais frequência os ânimos generosos - ao menos impeça, com a foice da razão, que ele cresça. Deve-se obedecer ao tempo, deve-se obedecer às circunstâncias. E por fim - para resumir brevemente o meu pensamento - cultive a virtude enquanto vive, e você certamente encontrará a fama na sepultura. Adeus.³²

***Epistola Familiar 1.2 a Tomás de Messina,
sobre o desejo de um louvor prematuro***³³

[1] Sábio nenhum faz coro às lamúrias do vulgo; cada um tem, em casa, uma quantidade suficiente de lamúrias pessoais; “suficiente” eu disse, “excessiva” eu deveria ter dito. Você acha que isso nunca aconteceu com ninguém? Você se engana; é o contrário que não acontece a quase ninguém. É difícil que os escritos e narrativas, de quem quer que seja, agradem quando seu autor ainda está vivo; a morte é que dá início ao louvor dos homens. Você sabe por quê? Porque a inveja vive com o corpo e com o corpo morre. [2] Você então me diz: “louvam-se os escritos de muitos autores, os quais se convém glorificar...”. Você não continua, mas, deixando em suspenso o ânimo do ouvinte – costume que é próprio dos indignados – passa adiante sem terminar a frase. Mas eu, sem dúvida, persigo a verdade fugidia com a minha intuição; eu entendi o que você quis dizer: “louvam-se os escritos de muitos autores, que, comparados aos seus, deviam carecer não apenas de quem os louvasse mas sobretudo de quem os lesse, uma vez que, até agora, ninguém foi capaz de chegar nem perto da sua produção.” [3] Reconheça nas minhas palavras a sua indignação, que seria justa se você não a tivesse tomado para si de um repertório que é comum a todos, e por todos refiro-me aqui a

³² Petrarca, *Fam.* 1.2.29.

³³ Para a tradução desta *Familiar 1.2*, adotou-se a edição crítica de Vittorio Rossi (1933-1942), cujo texto latino é também adotado pela edição da Belles Lettres (2002), com eventuais alterações de pontuação. A edição crítica de Rossi foi republicada em 2008, novamente no âmbito da Edizione Nazionale delle Opere di Francesco Petrarca, pela Casa Editrice Le Lettere de Florença.

todos aqueles que foram tocados pelo amor ou pela compulsão pela escrita, e a todos os que ainda virão a ser. Então, primeiramente, observe bem de quem são os escritos que são louvados; investigue os autores: decerto, há muito viraram pó. Você também deseja ter as suas obras louvadas? Morra.

[4] A estima humana ganha vida com a morte do homem, e o fim da vida é o início da glória; quando essa estima é adquirida antes disso, eu diria tratar-se de algo raro e inoportuno. Mais eu diria: enquanto estiver vivo qualquer um dos seus coetâneos, sem dúvida você não obterá inteiramente aquilo que deseja; somente quando a sepultura tiver cerrado a todos igualmente é que virão os que podem julgá-lo sem ódio e sem inveja. Sendo assim, que os tempos atuais tenham, a nosso respeito, a opinião que quiserem: se for justa, suportemos com tranquilidade; se for injusta, a juízes mais justos recorramos – isto é, aos pósteros –, uma vez que não nos é permitido recorrer a outros.

[5] A convivência constante é algo bastante delicado, costuma ser abalada pelas mínimas coisas; a presença é sempre inimiga da fama, a familiaridade e o convívio frequente subtraem muito da admiração dos homens. Você não vê aqueles escolásticos, espécie de homens esquelética pelas vigílias e pelo jejum? Acredite em mim: nenhuma outra espécie de homens é mais obstinada ao trabalhar à luz de velas, nenhuma outra é mais débil ao emitir julgamentos. Depois de terem lido muitas coisas exaustivamente, nada examinam; e desdenham de investigar o que reside na matéria caso imaginem conhecer seu autor. E assim, há dentre eles uma única regra: menosprezam igualmente todos os escritos cujos autores eles tenham visto ao menos uma vez.

[6] “Isso”, você irá replicar, “acontece aos parques engenhos, os vigorosos e abundantes rompem quaisquer obstáculos.” Restitua-me Pitágoras, e eu lhe restituirei os que menosprezaram aquele engenho; que Platão retorne à Grécia, que Homero renasça, que Aristóteles reviva, que Varrão regresse à Itália, que Lívio se reerga, que Cícero ressurgir: não encontrarão apenas indolentes encomiastas, mas também detratores mordazes e maldosos; coisa que todos eles vivenciaram em suas épocas. A língua latina conheceu algo maior do que Virgílio? E também esse encontrou quem o chamasse não de poeta, mas de usurpador e tradutor das invenções alheias; mas Virgílio, apoiado na confiança em seu próprio engenho e no juízo de Augusto, com superioridade menosprezou as palavras dos invejosos. [7] Eu sei que você certamente tem grande consciência do seu engenho; mas onde você encontrará um Augusto como juiz, conhecido por ter favorecido de modo pleno e empenhado, e com todos os meios, os engenhos do seu tempo? [8] Nossos reis podem julgar os sabores dos alimentos e o vôo

das aves, mas não os engenhos dos homens; e se, por acaso, tiverem presumido serem disso capazes, então o tumor da soberba já não está permitindo que eles abram e fechem os olhos, e nem que os fixem na verdade. Assim, para evitar parecer que estejam contemplando alguma coisa de sua própria época, eles admiram os antigos e menosprezam os que conhecem, a fim de que o louvor dos mortos não seja apartado da injúria dos vivos. E nós somos obrigados a viver e morrer em meio a esse tipo de juízes, e – o que é pior – somos obrigados a nos calar. Como eu já perguntei, onde mesmo podemos encontrar um juiz como Augusto?

[9] A Itália, ou melhor, todo o orbe terrestre possui um único juiz deste tipo, um único: o rei Roberto da Sicília. Bem-aventurada você, Nápoles, que, por uma felicidade incomparável, foi agraciada com o único esplendor do nosso século; bem-aventurada, repito, e invejável Nápoles, augustíssima morada das letras, que, se outrora pareceu doce a Virgílio, quão mais doce parecerá agora, neste momento em que lhe habita tão equânime árbitro dos engenhos e dos estudos! [10] Que se refugie em você todo aquele que tem confiança em seu engenho; e contudo que não pense em protelar isso. A demora é arriscada; seu tempo de vida está se esgotando, e o mundo já há muito tempo merece ser privado desse homem e ele próprio merece passar a reinos melhores; temo que, ao protelar, eu mesmo esteja procurando um motivo para o meu arrependimento tardio. Por certo, o adiamento de uma bela ação é sempre vergonhoso, e a decisão demasiadamente lenta sobre coisas honestas é sempre desonesta; deve-se agarrar a ocasião e fazer logo o que não pôde ser feito antes. [11] No que me diz respeito, meu objetivo é correr e me apressar “de modo a poder” – como diz Cícero sobre Júlio César em uma de suas cartas – “concentrar todos os meus esforços apenas naquele homem. E assim, com esforço verdadeiramente intenso, talvez eu possa experimentar aquilo que, com frequência, acontece com os viajantes quando se apressam: esses, quando se levantam mais tarde do que desejavam, apressam-se e acabam chegando onde desejam ainda mais rápido do que se tivessem se mantido acordados durante toda a noite; do mesmo modo eu, depois de ter me demorado tanto em dedicar-me àquele homem, com a corrida compensarei o meu atraso.” Isso disse Cícero. [12] Você, contudo, deve tirar proveito do seu círculo, visto que o que tem lhe impedido de ir ao encontro do rei não tem sido tanto o mar, mas a guerra. Com efeito, a sua pátria, pela qual nenhum outro cidadão é mais apaixonado do que você, encontra-se submetida à dominação de um rei inimigo; eu diria de um “tirano” se não temesse ofender os seus ouvidos. Trata-se de

uma situação grave, a ser resolvida não pelos nossos cálamos mas pelas espadas dos homens. Por isso retorno então ao meu tema.

[13] Se estes exemplos, escolhidos dentre os mais célebres, não lhe são suficientes, acrescentarei outros extraídos de outro grupo de homens, de época mais recente e santidade bastante reconhecida. Quantos rivais teve, outrora, o nosso Agostinho, quantos teve Jerônimo, quantos teve Gregório, até que a esperada virtude e a divina e admirável facúndia dos seus escritos vencessem a inveja! Dificilmente qualquer um destes homens recebeu um encômio digno de sua fama, senão no dia de sua morte.

[14] Dentre eles encontro um único, desprovido de rival e censor, que foi condecorado com um louvor pleno e inquestionável; apenas Ambrósio, enquanto vivo, não teve a sua fama assolada por uma maldade mordaz. Talvez seja mesmo o caso de atribuir o feito de Ambrósio à sua doutrina pura e simples, desprovida de qualquer ambiguidade; isso porque em Paulino - autor de uma vida de Ambrósio – podemos ler tanto os nomes dos seus detratores quanto o castigo a eles infligido por decisão divina. Por isso, suporte já sem lamentos aquilo que você vê ter acontecido aos engenhos mais elevados.

[15] Mas, em uma determinada parte da sua carta, você parece reclamar por ter conhecido muitas pessoas que obtiveram um proeminente nome em vida. Também isso você desconsiderará com firmeza, se estiver disposto a me escutar. Com efeito, você sabe a quem esse tipo de coisa acontece; por certo apenas àqueles que defendem a sua fama aos berros - uma vez que não podem fazê-lo com o cálamo. [16] Observe estes tipos vestidos de púrpura, que, com enorme estardalhaço, se atiram na boca do povo. Eles desejam ser considerados sábios e o vulgo os chama sábios, inscrevendo-os todos no grupelho dos homens sábios de cada cidade, mesmo que a que foi outrora a pródiga mãe dos estudos, a Grécia, não se vanglorie de mais do que sete nomes de homens sábios, o que aos pósteros já pareceu um sinal de indecorosa arrogância. [17] Mas aqueles que defendem esses homens dizem que tal renome não lhes foi atribuído por determinação própria, mas pela aprovação popular. Epicuro foi o único, em todos os tempos, que ousou se declarar sábio: uma soberba intolerável, ou antes uma demência ridícula da qual nos lembra Cícero no segundo livro do *De finibus bonorum et malorum*. [18] Hoje em dia, no círculo dos nossos advogados, esse tipo de frenesí é corriqueiro.

Observe agora os que gastam todo o tempo de suas vidas em altercações e cavilações dialéticas, e estão sempre se agitando em torno de questões sem importância; você passará a ter o mesmo pressentimento sobre todos eles: a fama desses homens certamente desaparecerá com eles e uma única sepultura será suficiente para os

seus ossos e nomes. Pois quando a morte coagir as suas línguas a ficar inertes, é inevitável não só que eles silenciem, mas também que se silencie a respeito deles. [19] Quantas gralhas extremamente loquazes grasnando diante dos olhos da insana multidão nós conhecemos, cuja voz de repente cessou! Eu poderia discorrer sobre diversos exemplos e fazê-lo testemunha de muitos deles, se essa narrativa não fosse longa e mesmo ofensiva para os que ainda estão vivos. [20] Mas já falamos, em outros momentos e mesmo agora, a respeito dessa gente tudo o que o tema exigia; e, com efeito, não iniciei esta conversa para repreendê-los, mas sim para satisfazer você, que se encontra em condição completamente distinta. Você gozará de enorme repercussão justamente quando já não for mais capaz de falar. Além disso, atormentar-se por uma expectativa tão passageira é próprio de uma alma impaciente demais. Espere um pouquinho; e você terá as suas preces atendidas quando deixar de ser um obstáculo a si mesmo. Talvez uma ausência prolongada lhe proporcione uma parcela disso, mas somente a morte poderá lhe proporcionar isso plenamente.

[21] Traga à memória os homens ilustres de todos os tempos, romanos, gregos e bárbaros: de qual deles a presença não arruinou a fama? Se você tiver uma memória mais fresca, talvez lhe ocorram muitos personagens históricos; eu me lembro que, dentre todos, apenas ao Africano foi concedido que a sua fama fosse considerada admirável e a sua presença ainda mais admirável. O mesmo se concedeu a Salomão nas sagradas escrituras. [22] Procure outro exemplo, talvez não o encontre, mesmo que Virgílio, com enorme esforço de exaltar o seu Enéias, lute para lhe garantir este tipo de glória. Mas a verdade é inabalável, ainda que se desculpe o poeta por considerar que ele descrevesse não a Eneias mas, sob o nome Eneias, a um homem corajoso e perfeito. [23] Aquele que poderia com mais justiça – a saber, o mais célebre príncipe dos oradores, Marco Túlio Cícero – ter reivindicado para si este mesmo privilégio, conferiu-o apenas a um único orador e concedeu-o somente a um dentre os poetas, a Aulo Licínio Árquia. Mas receio que – em virtude do amor que lhe obscurece o juízo – Cícero conceda ao seu preceptor, um homem de engenho medíocre, aquilo que não concedeu a Homero e não teria concedido a Virgílio.

[24] De resto, para que eu volte ao seu caso, dentre todas as coisas que eu disse, não há nada que possa servir de motivo justo para a sua indignação. Com efeito, ninguém padece do sofrimento de ser superado, seja por uma única pessoa seja por poucas, se não aquele que tiver obstinadamente estabelecido para si a primazia da glória. Aceite que a fortuna seja a condição do seu engenho e do seu nome, como é de

todas as outras coisas. Você achava que a fortuna tinha poder somente sobre as riquezas? A Fortuna é senhora de todas as coisas humanas, exceto da virtude; a ela é permitido opugná-la mas jamais expugná-la. É certo que a fortuna muda facilmente e, com volúveis favores, reverte a fama – em face da qual nada é mais inconstante –, transferindo-a dos dignos aos indignos. Na verdade, não há nada mais instável, nada mais nocivo do que o juízo do povo, sobre o qual esta fama está alicerçada. E assim, não é de se admirar que algo apoiado em fundamentos tão incertos seja frequentemente abalado. [25] Esse tipo de fama, de fato, não exerce domínio se não sobre os vivos; a morte subtrai o homem do poder da fortuna; cessam então essas ilusões, e – quer ela queira quer não – a fama segue a virtude, assim como a sombra segue o corpo sólido. [26] Portanto, caríssimo, se não me engano, você tem antes motivo para orgulhar-se do que para indignar-se, se a sua sorte for semelhante à de quase todos os homens notáveis e mais ilustres. E para que você fique mais calmo, restituirei a esta fileira comum o próprio Africano, a quem aparentei ter excluído deste grupo. A esse homem, ainda que a presença não o tenha prejudicado – o que, como eu disse, é raríssimo – a inveja prejudicou como aos demais; inveja essa que ele não pôde dissipar com suas tantas virtudes, mas antes a provocou e inflamou. A ele prejudicou – o que eu não posso recordar sem indignação – uma convivência mais assídua e a indiferença que nasce dessa familiaridade.

[27] Mas você me perguntará de onde eu tirei isso. E como eu não quero que suspeite que eu tenha inventado alguma coisa; citarei então as próprias palavras do conhecidíssimo escritor Tito Lívio, o qual menciona que Cipião Africano teria sucumbido à disputa de dignidade e honra nascida entre o próprio Cipião e Títio Flamínio. Diz Tito Lívio: “a glória de Cipião era maior; e quanto maior, mais sujeita à inveja”; e logo depois ele diz: “Somava-se a isso o fato de que fazia já quase dez anos que Cipião Africano vivia sob o olhar dos homens, coisa que faz os grandes homens serem menos respeitados justamente em virtude do fastio da sua presença.” Foi precisamente isso o que disse Tito Lívio. [28] E você, para que eu conclua, consolar-se-á do seu destino e o esperará mais tranquilamente com uma companhia desta estatura, lembrando-se de que há em Horácio um antigo dito segundo o qual assim como os vinhos, também os poemas se tornam melhores com o tempo; e em Plauto encontra-se algo ainda mais antigo. Ele diz o seguinte:

*Considero sábios aqueles que desfrutam do antigo vinho,
E os que contemplam com prazer as antigas fábulas.*

Desconfio que Horácio não ficou menos irritado do que você com essa situação; há, de fato, tanta reverência ao passado que ele próprio fora obrigado a se desculpar, em um longo discurso, pelo crime de ter criticado Lucílio.

[29] Assim sendo, pense consigo mesmo: o que é isso pelo que tanto nos atormentamos? A fama que buscamos é vento, é fumaça, é sombra, é nada. Portanto, ela pode ser facilmente menosprezada por um juízo reto e agudo; mas se, por acaso, você não puder extirpar completamente esse apetite, - visto que essa praga costuma perseguir com mais frequência os ânimos generosos – ao menos impeça, com a foice da razão, que cresça. Deve-se obedecer ao tempo, deve-se obedecer às circunstâncias. E por fim – para resumir brevemente o meu pensamento – cultive a virtude enquanto vive, e você encontrará a fama na sepultura. Adeus.

TEXTO LATINO

Petrarca, *Rerum Familiarium Libri*, 1.2

Thome Messanensi, de immature laudis appetitu (1.2)

[1] Querelam publicam nemo sapiens suam facit; satis quisque privatarum querelarum domi habet. 'Satis' dixi; 'nimis' dicere debueram. Nulli ne hoc unquam accidisse reris? Falleris; nulli fere contrarium accidit. Vix, superstite qui fecerat, cuiusquam scripta vel gesta placuerunt; laudes hominum mors inchoat. Scis quare? quia cum corpore moritur invidia, vivitque cum corpore. [2] 'Multorum' inquis, 'scripta laudantur, que, si gloriari licet...' Non pergis ulterius, sed - qui indignantibus mos est - suspensum linquens auditoris animum, sermone pretervolas inexpleto. Verum enimvero fugientem consequor mentis augurio; scio quid velis: 'multorum scripta laudantur, que, tuis admota, carere non tantum laudatore sed etiam lectore debuissent; cum tua interim nullus attingat'. [3] Recognosce in verbis meis indignationem tuam, que iusta esset, nisi illam de comuni omnium acervo in usus proprios traduxisses; omnium, inquam, quos hic scribendi seu amor seu morbus tenuit, omnium ve quos tenebit. Respice enim in primis quorum sunt illa que laudantur; quere auctores: certe pridem in cinerem versi sunt. Vis et tua laudari? morere. [4] A morte hominis vivere incipit humanus favor, et vite finis principium est glorie; que si ante ceperit, singularis quedam et intempestiva res est. Plus dicam: dum eorum qui tecum vixerunt quisquam superfuerit, cumulate quidem quod appetis non habebis; cum omnes pariter urna concluderit, venient qui sine

odio et sine invidia iudicent. Ferat itaque de nobis quamlibet sententiam presens etas: si equam, feramus equo animo; si inquam, ad equiores iudices - hoc est ad posteros - provocemus, quando ad alios non licet. [5] Delicatissima res est iugis conversatio: minimis offenditur, et fame semper inimica presentia est, multumque admirationi hominum familiaritas detrahit frequensque convictus. Vides ne tu hos scolasticos, genus hominum vigiliis ac ieiunio squalidum? Crede michi: nichil ad lucubrandum durius, nichil mollius ad iudicandum. Cum multa laboriosissime legerint, nichil examinant; et quid in re sit, dedignantur inquirere, cum hominem ipsum nosse videantur. Itaque omnium una lex est; cuncta enim ex equo, quorum auctores vel semel aspexerint, scripta fastidiunt. [6] 'Hoc' inquires, 'parvis accidit ingeniis; magna enim et valida per obstantia quelibet erumpunt.' Redde michi Pithagoram, reddam tibi illius ingenii contemptores; redeat in Greciam Plato, renascatur Homerus, reviviscat Aristotiles, revertatur in Italiam Varro, resurgat Livius, reflorescat Cicero: non modo segnes laudatores invenient, sed mordaces etiam et lividos detractores; quod quisque suis temporibus expertus est. Quid Virgilio maius habuit lingua latina? Repperit tamen ille, qui non poetam, sed raptorem alienarum inventionum et translatores dicerent; ipse autem et ingenii fiducia et iudice fretus Augusto, alto animo invidorum verba despexit. [7] Tibi quidem magnam ingenii conscientiam esse scio; sed ubi Augustum iudicem invenies, quem enixe admodum atque omnibus modis ingeniis sui temporis fuisse compertum est? [8] Nostri reges de saporibus epularum et de volatu avium iudicare possunt, de ingeniis hominum non possunt; quodsi forte presumpserint, superbie tumor aperire oculos aut flectere et in verum figere non sinit. Itaque nequid sue etatis suspicere videantur, mirantur veteres, quos noverere contemnunt, ut defunctorum laus viventium contumelia non vacet. Inter hos iudices vivendum moriendumque nobis est, et - quod est durius - tacendum; ubi enim, ut dixi, Augustum iudicem queremus?

[9] Unum habet Italia, imo vero terrarum orbis; unum habet, Robertum siculum regem. Fortunata Neapolis, que unicum seculi nostri decus incomparabili felicitate sortita es; fortunata, inquam, et invidiosa Neapolis, literarum domus augustissima, que si Maroni quondam dulcis visa es, quanto nunc dulcior videreris, ubi ingeniorum ac studiorum equissimus extimator habitat! [10] Ad te confugiat quisquis ingenio fudit; neque vero differendum putet. Suspecta mora est; devexa enim est etas, et mundus iampridem eo carere et ipse ad meliora regna transire meritis, vereorque ne multam ipse michi sere penitentiae materiam prolatando quesierim. Omnis quidem pulcre rei dilatio turpis, et omnis de honesto deliberatio longior inhonesta est; rapienda est occasio,

confestimque faciendum quod ante tempus fieri non potest. [11] Quod ad me attinet, currere et properare propositum est, 'ut' - quod de Iulio Cesare in epystola quadam ait Cicero - 'omnia mea studia in istum conferam. Eo vero ardenti quidem studio, ac fortasse efficiam quod sepe viatoribus, cum properant, evenit: ut, si serius quam voluerint, forte surrexerint, properando etiam citius quam si de nocte vigilassent, perveniant quo velint; sic ego, quoniam in isto homine colendo tam indormivi diu, cursu corrigam tarditatem'. Hec ille. [12] Tibi autem tuo foro uti necesse est, quando ad eum regem aspirare non tam freti quam belli obice prohiberis. Patria enim tua, cuius nemo amantior civis est, inimici regis imperio subiacet; dicerem 'tyranni', nisi quia timeo aures tuas offendere. Ad hec et magna res est neque nostris calamis discernenda sed illorum gladiis. Igitur ad inceptum redeo.

[13] Sic hec tibi exempla, de illustrissimis electa, non sufficiunt, alia ex alio grege hominum adiciam, et etate recentiora et sanctitate clarissima. Quantos olim emulos Augustinus noster, quantos Ieronimus, quantos habuit Gregorius, donec spectata virtus et literarum divina et admirabilis ubertas invidiam vicere! Vix horum quisquam integrum fame preconium, nisi ab ipso die mortis, accepit. [14] Unum emulo ac reprehensore carentem, unum plena et indecerpta laude decoratum, Ambrosium, cuius ne viventis quidem famam mordax livor attigerit, apud quosdam invenio. Quod forte ad puram eius ac simplicem doctrinam omnis ambigui expertem referendum est; nam apud Paulinum, qui Ambrosii vitam scripsit, et obtrectatorum eius nomina legimus et vindictam divino iudicio irrogatam. Perfer igitur iam sine lamentis quod summis ingeniis contigisse vides.

[15] Videris autem, quadam in parte tuarum literarum, hoc ipsum conqueri, quod multos noveris, magnum in vita nomen assecutos. Et hoc quoque, si me audire volueris, magnifice contemnes. Scis enim quibus hoc evenit; his equidem solis, qui famam suam - quoniam calamo nequeunt - clamore defendunt. [16] Aspice istos purpuratos, qui ingenti strepitu populorum in se ora convertunt, qui se sapientes dici volunt et quos sapientes vulgus appellat, singulis civitatibus ascribens sapientum greges; cum tamen illa florens olim studiorum mater, Grecia, non amplius quam septem sapientum nominibus gloriatur; quod ipsum posteris importune nomen arrogantie visum est. [17] Sed qui eos excusant, aiunt non id eis cognomen proprio iudicio, sed populorum suffragiis obtigisse. Unus ex omnibus seculis Epycurus sapientem se profiteri ausus: intoleranda superbia, seu potius ridiculosa dementia, cuius, secundo *De finibus bonorum et malorum*, meminit Cicero. [18] Hodie in nostrorum causidicorum grege furor ille

vulgarius est. Respice et hos qui in altercationibus et cavillationibus dyaleticis totum vite tempus expendunt seque inanibus semper questiunculis exagitant, et presagium meum de omnibus habeto: omnium nempe cum ipsis fama corruet unumque sepulcrum ossibus sufficiet ac nomini. Cum enim mors frigidam linguam stare coegerit, non modo ut sileant necesse est, sed ut de his etiam sileatur. [19] Possem exemplis affluere teque ipsum in multis testem facere - quot loquacissimas picas agnovimus in oculis insane multitudinis perstreptentes, quorum repente vox cecidit! -, nisi longa et apud quosdam superstitum odiosa forte narratio esset. [20] Sed de his et sepe alias et nunc quod res ipsa poscebat, diximus; neque enim ut eos monerem, sermo michi institutus, sed ut tibi satisfacerem, cuius omnino diversa conditio est; tunc enim maxime resonabis, cum iam loqui amplius nequiveris. Ceterum valde impatientis animi est brevissima expectatione torqueri. Expecta paululum; eris voti compos, cum obstare tibi ipse desieris. Id ex parte longa forsitan absentia, ad plenum mors sola prestabit. [21] Reduc ad memoriam ex omnibus seculis illustres viros, romanos, grecos, barbaros: cuius non presentia fame nocuit? Tibi, si recentiore memoria es, plures forte ex historiis occurrent; ego id uni omnium Africano tributum memini, ut scilicet et fama mirabilis et presentia mirabilior haberetur. Idem sacris in literis tribuitur Salomoni. [22] Quere alium; forte non invenies; etsi Virgilius, immodico studio Eneam suum exornandi, hoc ad eum glorie genus transferre contendat. Sed immobile verum est; excusant tamen quasi non Eneam, sed sub Enee nomine virum fortem perfectumque describat. [23] Dedit idem oratorum uni duntaxat is qui hoc sibi verius usurpasset, preillustris scilicet oratorum princeps Marcus Tullius; uni quoque poetarum idem tribuit, Aulo Licinio Archie. Sed vereor ne id, amore iudicium obliquante, preceptorum suo, mediocris ingenii viro, tribuat quod nec Homero tribuit nec Virgilio tribuisset.

[24] Ceterum, ut ad te revertar, nichil ex omnibus que dixi, quod tibi iustam indignandi materiam prestare possit, occurret. Nemo enim se antequam ab uno vel a paucis egre fert, nisi qui glorie principatum pertinaci sibi mente constituit. Patere, ut ceterarum rerum, sic ingenii tui sortem nominisque fortunam. Putabas eam in solis divitiis ius habere? humanarum rerum omnium excepta virtute, domina est, illam quoque sepe oppugnare, sed nunquam expugnare, permittitur. Famam certe, qua nichil est levius, facile rotat ac ventosis suffragiis circumvolvitur, a dignis eam transferens ad indignos. Nichil quidem mobilius, nichil iniquius vulgari iudicio, super quo fama fundata est. Itaque mirum non est, si assidue quatitur que tam tremulis innititur fundamentis. [25] Hec sane non nisi in viros regnum habet; mors hominem eximit ab imperio fortune;

cessant exinde ludibria hec et - vellit illa vel nolit - virtutem fama, ceu solidum corpus umbra, consequitur. [26] Habes ergo, carissime, nisi fallor, gloriandi potius causam quam indignandi, si cum omnibus fere prestantibus atque clarissimis viris comunis tibi tua sors est. Quoque etiam nunc equiore animo sis, Africanum ipsum, quem ex hac acie segregare visus eram, in comune restituam; cui, quamvis - quod rarissimum est, ut dixi - presentia non noceret, nocuit tamen, ut ceteris hominum, invidia, quam tantis virtutibus non potuit extinguere, incenditque potius et inflammavit; nocuit - quod sine indignatione non possum meminisse - conversatio longior et nascens ex familiaritate contemptus. [27] Unde autem hec eliciam, percontabere. Nolo me aliquid immutasse suspiceris: ipsa Titi Livii clarissimi scriptoris verba ponam, qui, orta contentione dignitatis honorumque inter Scipionem Africanum Titumque Flaminium, in qua succubuisse Scipionem refert, 'Maior' inquit, 'gloria Scipionis, et quo maior eo propior invidie'; et statim postea: 'Accedebat' inquit, et aliud: Scipio Africanus 'iam prope annum decimum assiduus in oculis hominum fuerat, que res minus verendos magnos homines ipsa satietate facit'. Et hec quidem ille. [28] Tu vero, ut iam finem faciam, fortunam tuam tanto comite solabere expectabisque tranquillius, memor vetus apud Flaccum verbum esse, quod ut vina, sic poemata meliora dies reddit; apud Plautum aliquanto ventustius. Ille enim ait:

*Qui utuntur vino vetere sapientes puto,
Et qui libenter veteres inspectant fabulas.*

Quod non minus ipsi Flacco bilem commovisse suspicor quam tibi: tantam esse vetustatis reverentiam, ut crimen longo sermone purgandum sibi fuerit, Lucilium reprehendisse.

[29] Postremo tecum cogita: quid est hoc pro quo tam sollicite torquemur? ventus est fama quam sequimur, fumus est, umbra est, nichil est. Itaque facillime recto atque acri iudicio temni potest; quodsi forte - quoniam generosos animos familiariter hec pestis insequi solet - appetitum hunc extirpare radicitus non potes, excrescentem rationis saltem falce compesce. Parendum tempori, parendum rebus est. Denique, ut sententiae mee summam brevibus expediam, virtutem cole dum vivis, famam invenies in sepulcro. Vale

XIV Kal. Maias, Bononie.

Bolonha, 18 de abril.

Referências bibliográficas:

- AUGUSTIN, *De Doctrina Christiana*. Edited by R.P.H. Green. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- AUGUSTIN, *Confessions*. Volume I: Books 1-8. Edited and Translated by Carolyn J.B. Hammond. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 2014.
- BILLANOVITCH, G., *Petrarca Letterato. I. Lo scrittoio del Petrarca*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1947.
- BOITANI, P., “Vainglory, Fame, and Conscience: Boethius and Augustine”, in: *Chaucer and the Imaginary World of Fame*. Chaucer Studies 10. Woodbridge, Suffolk: Boydell & Brewer; Totowa, N.J.: Barnes & Noble, 1984.
- CICERO, M.T., *Tusculan Disputations*. Translated by J.E. King. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 1945.
- CICERO, M.T., *On Duties*. Translated by Walter Miller. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 1913.
- CICERO, M.T., *Pro Milone. In Pisonem. Pro Scauro. Pro Fronteio. Pro Rabirio Postumo. Pro Marcello. Pro Ligario. Pro Rege Deiotaro*. Translated by N.H. Watts. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 1931.
- CICERO, M.T., *Letters to Atticus*. Edited and Translated by Shackleton Bailey. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 1999.
- DONATUS, A., *Vita Vergilii, interpolata. Carmina, pleraque Ps. Vergiliana [etc]*. Universitaire Bibliotheken Leiden, 2015.
- DREXLER, H., Gloria. *Helikon Rivista di Tradizione e Cultura Classica* 2, Ed. Rondinella, 1962, pp. 3-36.
- FENSTER, T. & SMAIL, D. L., *Fama - The Politics of Talk & Reputation in Medieval Europe*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2003.
- GILDENHARD, I., *Paideia Romana: Cicero's Tusculan Disputations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- GRIFFIN, M., “Piso, Cicero and their audience”, in: Auvray-Assayas, C. and Delattre, D. (org.), *Cicerón et Philodème: la polemique en philosophie*. Paris: Rue D'Ulm, 2001; pp. 85-99.
- HABINEK, T., Seneca's Renown: *Gloria, Claritudo* and the Replication of the Roman Elite. *Classical Antiquity* 19 (2), University of California Press, 2000; pp. 264-303.

- HARDIE, P., *Rumour and Renown. Representations of Fama in Western Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- KERN, M., “Consolation Literature”, in: *Brill’s New Pauly*, Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Consulted online on 17 August 2016 <http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347_bnp_e619600> (First published online: 2006).
- KIERDORF, W., “Consolatio as a literary genre”, in: *Brill’s New Pauly*, Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Consulted online on 17 August 2016 <http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347_bnp_e619600> (First published online: 2006).
- KOONCE, B. G., “The tradition of Boethius”, in: *Chaucer and the Tradition of Fame: Symbolism in the House of Fame*. Princeton: Princeton University Press, 1966.
- LONDON, J. E., *Empire of Honour: The Art of Government in the Roman World*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LIDA DE MALKIEL, M. R., *L’idée de la gloire dans la tradition occidentale: antiquité, moyen-age occidental Castille*. Paris: Klincksieck, 1968.
- LO PARCO, F., Francesco Petrarca e Tommaso Caloiro all’università di Bologna. *Studi e Memorie per la Storia dell’Università di Bologna*, XI, Bologna, 1933; pp. 25-182.
- MACROBIUS, *Saturnalia*. Volume III: Books 6-7. Translated by Robert A. Kaster. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 2011.
- PETRARCA, F., *Le Familiari - Edizione Critica per cura di Vittorio Rossi*. Casa Editrice Le Lettere, 2008. (1^a edição de 1942).
- PETRARCA, F., *Le Familiari*. Introduzione, Traduzione e Note di Ugo Dotti. Libro Primo. Roma: Archivio Guido Izzi, 1991.
- PETRARCH, F., *Letters on Familiar Matters*. Vol. I: Books I-VIII. Translated by Aldo S. Bernardo. New York: Italica Press, 2005.
- PÉTRARQUE, F., *Lettres Familières. I-III. Rerum Familiarum I-III*. Les Belles Lettres, 2002.
- ROLLER, M. B., *Constructing Authocracy: Aristocrats and Emperors in Julio-Claudian Rome*, Princeton: Princeton University Press, 2001.
- ROSSI, V., Sulla formazione delle raccolte epistolari petrarcheschi. *Annali della Cattedra Petrarchesca* (Reale Accademia Petrarchesca di Lettere, Arti e Scienze di Arezzo), 3, 1932; p. 55-73.
- SENECA, L.A., *Epistles*. Volume III. Translated by Richard M. Gummere. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 1925.

- SENECA, L.A., *Moral Essays*. Volume I: *De providentia. De constantia. De ira. De clementia*. Translated by John W. Basore. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 1928.
- SENECA, L.A., *Moral Essays*. Volume II: *De consolatione ad Marciam. De vita beata. De otio. De tranquillitate animi. De brevitae vitae. De consolatione ad Polybium. De consolatione ad Helviam*. Translated by John W. Basore. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts/London, England: 1932.
- SULLIVAN, F. A., “Cícero and *gloria*”, in: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. Vol. 72. The Johns Hopkins University Press, 1941; pp. 382-391.
- TATEO, F., “Spunti di poetica nel libro I delle Familiari di Petrarca”, in: *Motivi e Forme Delle Familiari di Francesco Petrarca*, Milano: Cisalpino: Istituto Editoriale Universitario, 2003; p. 249-259.
- TIPPING, B., *Exemplary Epic: Silius Italicus'Punica*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- VAROTTI, C., *Gloria e Ambizione Politica nel Rinascimento: De Petrarca a Machiavelli*. Milano: Bruno Mondadori, 1998.
- WILKINS, E. H., *The Making of the “Canzoniere” and Other Petrarchan Studies*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1951.